

Do lado paraguaio: o *Museo de la tierra guaraní*
Del lado paraguayo: el Museo de la tierra guaraní

German Sterling (UNIOESTE - german.sterling@gmail.com)

Resumo:

Este texto está voltado para problematizar as representações das memórias expostas no *Museo de la Tierra Guaraní*, localizado perto da fronteira entre Paraguai e Brasil. Mediante pesquisa documental e observação direta, *in loco*, procuramos compreender como a sua historicidade, em especial aquela que é produto das reformas pelas quais passou, fala das tensões entre a história regional e as transformações no governo nacional paraguaio, e como as mudanças neste último afetam a escolha de certas memórias a serem expostas em detrimento de outras. O espírito com que foi fundado o museu, e que procura subsistir para além das mudanças políticas, se debate entre a questão guarani e a questão paraguaia.

Palavras-chave:

Memórias, Guaraní, Paraguai

Abstract:

This text is aimed to problematize representations of memories exposed in the *Museo de la Tierra Guaraní*, located near the border between Paraguay and Brazil. Through desk research and direct observation *in loco* we seek to understand how its historicity, in particular, that the product of the reforms for which this museum now, speaks of the tensions between regional history and changes in the Paraguayan national government and how changes in the latter affect the choice of some memories that will be exposed in detriment of others. The spirit in which the museum was founded, and which seeks to stand apart from political exchange, struggles between the question Paraguayan and the question Guaraní.

Key words:

Memories, Guaraní, Paraguay

Resumen:

Este texto tiene como objetivo problematizar las representaciones de las memorias expuestas en el Museo de la Tierra Guaraní, ubicado cerca de la frontera entre Paraguay y Brasil. Mediante una investigación documental y observación directa, *in loco*, buscamos entender cómo su historicidad, en particular aquella que es producto de las reformas por las que pasó el museo, se refiere a las tensiones entre la historia regional y las transformaciones en el gobierno nacional paraguayo, y cómo los cambios en este último afectan la elección por ciertas memorias que serán expuestas en detrimento de otras. El espíritu con el que se fundó el museo, y que intenta subsistir, más allá de los cambios políticos, se debate entre la cuestión guaraní y la cuestión paraguaya.

Palabras clave:

Memorias, Guaraní, Paraguay

Introdução

*Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz
al otro lado del río.*

Jorge Drexler

O presente artigo constitui parte de uma pesquisa realizada em dois museus ‘espelhados’, porém com reflexos muito diferentes entre si: o Ecomuseu (do lado brasileiro) e o *Museo de la Tierra Guaraní* (do lado paraguaio). Nesta discussão trazemos à tona alguns dos temas que, inicialmente, preocupavam a equipe de intelectuais paraguaios e internacionais. Essa equipe deu origem à proposta do *Museo de la Tierra Guaraní*, localizado perto da fronteira entre Brasil e Paraguai, do lado paraguaio, sob administração da Itaipu Binacional. Em seus informes, esses pesquisadores apontavam diversas problemáticas perante o avanço devastador da modernidade materializada pela implantação da Hidrelétrica da Itaipu Binacional, a qual deixaria submersos importantes sítios arqueológicos no lago artificial da usina e, ao mesmo tempo, provocaria deslocamentos migratórios propiciando o desmatamento de boa parte do leste paraguaio, a criação de monoculturas e uma abrupta urbanização com seus efeitos marginalizadores na região de fronteira.

A formulação inicial dessas problemáticas contrasta com a trajetória do museu que ao longo da sua existência passou por várias reformas, a maioria delas em sincronia com as mudanças políticas do Paraguai. Além disso, o museu traz nas suas configurações e reconfigurações museográficas certos dilemas e embates entre as questões do ser guarani e do ser paraguaio.

Para poder nos aproximar desses dilemas, vejamos como se produzem essas reformas. Durante sua trajetória de exposição ao público, que se inicia em 1979, o *Museo de la Tierra Guaraní* passou pelas seguintes reformas: uma externa, em 2000, uma interna, em 2004, e uma reforma geral, tanto externa como interna, no ano de 2011. Nessa ocasião foi fechado ao público e ficou completamente desmontado, sendo que foi possível observá-lo mediante visita autorizada para essa pesquisa. Parecia que houvesse

caído uma ‘bomba’ dentro do museu, mas tratava-se dos trabalhos dessa reforma total onde até as paredes internas estavam sendo retiradas e outras construídas. O acervo se encontrava devidamente guardado sob condições climáticas controladas.

Nessa reforma, o objetivo era abolir a divisão existente entre o mundo Guarani e o mundo das Ciências, notadamente marcada pela questão nacional, configurando-se, assim, uma única sala, o que epistemologicamente dentro do museu seria uma mudança radical, como poderá ser compreendido quando apresentemos e discutamos essa cisão museológica.

Desenvolvimento

Durante uma das entrevistas realizadas para esta pesquisa¹, um antigo ex-funcionário, aposentado do museu, manifestou estar em desacordo com as reformas realizadas, pois considera que um lugar como esse, com a pretensão de preservar a memória local, acaba apagando-a. Percebe-se como o museu, e as memórias nele expostas, tornou-se um palimpsesto, ‘re-escrito’ a cada nova conjuntura política nas quais esse espaço costuma ser reformado.

De fato, cada uma dessas reformas constitui um marco na historicidade do museu, coincidindo com momentos importantes de transformação política do governo paraguaio. Essa recorrência nos revela uma evidente sincronia entre o Governo da República, a Diretoria da Itaipu e a Direção do Museu. Isso não poderia ser diferente, uma vez que, tanto no Brasil como no Paraguai, os Diretores Gerais da Itaipu estão subordinados diretamente à Presidência da República dos seus respectivos países, sendo essa diretoria considerada um alto cargo de poder e de confiança do Presidente e, geralmente, ligada a seu grupo político. Desse modo, as diretrizes do museu estão subordinadas ao momento político vivido pelo país; e as políticas culturais permanecem atreladas a determinada cultura política. Portanto, historicizar as reformas do museu é também compreender, em parte, as possíveis transformações histórico-políticas, ocorridas, neste caso em discussão, no Estado paraguaio.

¹ Devido ao recorte realizado na pesquisa, a fim de elaborar o presente artigo, optamos por privilegiar a fase de análise documental e observação direta, omitindo detalhes de outras fases como, por exemplo, a das entrevistas.

Para termos uma ideia geral dos conteúdos deste ‘livro’ das memórias, que constitui o museu do lado paraguaio, resulta pertinente se perguntar: a partir de onde esses conteúdos museográficos foram escritos? quem foram seus autores? e como se articularam tantas e diversas vozes de nativos e especialistas neste ‘arcabouço’ da memória da região do Alto Paraná?

Os primeiros estudos foram fruto de vários intelectuais e pesquisadores paraguaios que já tinham desenvolvido algumas pesquisas de campo na região do Alto Paraná, na fronteira com o Brasil, inclusive antes de se pensar na Itaipu. Eles perceberam que a partir da década de 60, e em especial em 1965, quando se inaugura a Ponte da Amizade, inicia-se um período intenso de migração de brasileiros para o Paraguai. Esses fluxos migratórios se acentuam ainda mais durante a década seguinte, com a iminência da formação do reservatório e com a ‘ainda’ existência de florestas nativas paraguaias passíveis de serem derrubadas e transformadas em monoculturas. Muitos dos indenizados do lado brasileiro compraram terra no lado paraguaio. Por esse motivo, havia uma preocupação desses intelectuais com o abasileiramento da região oriental do Paraguai, algo que já acontecia e que inegavelmente acabou se constatando. Em função desse processo de ocupação das terras fronteiriças por brasileiros, a noção de ‘integração’, de algum modo, também passou a ser lida por alguns paraguaios como dominação ou subimperialismo, como aponta Laino (1979).

Alguns dos poucos intelectuais, ‘sobreviventes’ no regime militar paraguaio, perante a emergência dessa nova consciência integracionista ou ‘sub-imperialista’, se colocam no dever da “*patriótica acción de afianzar vigorosamente los perfiles nítidos y auténticos de la identidad cultural paraguaya*” (FOGEL, 1975, p. I). Era preciso mostrar e demonstrar que a margem direita possuía uma ancestralidade. Uma memória ‘original’ com perfis nítidos e ‘autênticos’ que afirmavam e confirmavam a presença da ‘paraguaidade’ no território sob a perspectiva histórica. O trabalho destes intelectuais, todavia, era pertinente ao regime e por isso permitido e até bem-vindo para ‘defender’ o espaço fronteiriço, não mais militarmente ou economicamente, duas frentes praticamente perdidas para o Brasil, e sim culturalmente. Para tanto, foi proposto por esse grupo de pesquisadores um museu no lado paraguaio que preservasse os resultados e os materiais das suas pesquisas nas diversas áreas, especialmente nas humanas, como,

por exemplo, arqueologia, antropologia, sociologia e história. Nesse âmbito, a ‘Questão Guarani’ e a ‘Questão Paraguaia’, entendidas como simbióticas, passaram a ser um argumento identitário da ancestralidade sobre o território, o qual, do outro lado do rio, de algum modo, não era tão acentuado. Certamente, as preocupações da equipe de intelectuais paraguaios são, de maneira singular, sociais e não apenas ambientais, diferentemente do que encontramos no museu brasileiro.

A questão da ocupação e ‘re-ocupação’ do entorno de território afetado, a preocupação com que a Itaipu fosse, realmente, uma oportunidade para todos, mas, principalmente, para os paraguaios que habitavam a região, é fundamental para esses consultores. Então, para amenizar os efeitos culturais desses influxos migratórios, apresenta-se como solução fundamental, produto desse projeto elaborado pela equipe paraguaia, a construção de um centro da memória regional e nacional, o “Museu Regional de História Natural”, que não seria apenas um depósito de objetos mortos e sim um importante centro de pesquisas e difusão cultural. A proposta do Museu Regional aparece desde o primeiro informe paraguaio e se mantém quase invariável ao longo dos informes anuais subsequentes. Consideramos importante nos deter um pouco mais nestes informes anuais, uma vez que eles apontam diretrizes importantes tanto do museu regional, como do tratamento das memórias e sua representação.

Num destes informes há registros dos primeiros resultados de trabalhos realizados no segundo semestre de 1975 e referências ao contrato assinado com a Itaipu. No texto do informe foram definidos os principais objetivos centrais do projeto multidisciplinar nas áreas de Arqueologia, História, Sociologia e Museologia sobre a região afetada. Gerardo Fogel, coordenador do projeto, insiste permanentemente que todos os objetivos devem convergir na criação de um Museu Regional e, assim, catalisar os resultados das pesquisas do projeto. Já na parte final da introdução percebe-se uma ênfase com relação ao patriotismo que envolve o projeto, assim como a grande contribuição que seria um museu na região para afiançar a identidade cultural nacional.

No capítulo V desse informe, são formuladas as “*Pautas para el Museo Regional de Itaipu*” e o texto inicia com algumas “*Consideraciones Preliminares*”:

Como consecuencia de la próxima inundación del área afectada por el proyecto, y conscientes de la importancia relevante de salvaguardar

el patrimonio cultural y arqueológico e histórico de la región y de la nación, surge la imperiosa necesidad de contemplar inmediatamente la definición de los aspectos operativos que materialicen y hagan factible la defensa y valorización de dichos preciados bienes de la cultura nacional (FOGEL, 1975, p. 195, grifo nosso).

O alagamento para a formação do reservatório só ocorreu em outubro de 1982, porém, a equipe de pesquisadores já expressava sua preocupação com a iminência da inundação do território em função da grande quantidade de bens culturais a serem resgatados na região. Talvez, esse período possa ser para alguns tipos de trabalho científicos como, por exemplo, o de prospecção arqueológica, entre outros, um tempo relativamente pequeno. O interessante é que o informe demonstra essa preocupação com estes bens culturais, principalmente, enquanto propriedade ‘nacional’. No decorrer do texto existe a percepção angustiante não só do território alagado, mas também de outros espaços onde, para além do alagamento, pudesse existir uma “*acelerada urbanización y modernización del área*” (ib., p. 196).

Por enquanto, e aproveitando a referência no texto, a equipe formulará sua solicitação de um espaço para as memórias.

En tal sentido, la idea central propiciada es la de poner en marcha un Museo Regional pero con un concepto más amplio y funcional que el correspondiente al museo tradicional. Se perspectiviza una modalidad innovadora, un museo que sea un centro transmisor e irradiante de cultura regional y nacional y no meramente un almacén de objetos muertos (ib., p. 196).

A partir destas declarações se percebem diversas estruturas de sentido: a) vontade de inovar na proposta museológica, b) que o museu seja de fato um centro dinâmico e não “*meramente un almacén de objetos muertos*”, c) de algum modo, a constituição de um enclave museal na fronteira da cultura nacional paraguaia que possa ser “*un centro transmisor e irradiante de la cultura regional y nacional*”. Nota-se que os objetivos do museu estão sintonizados com a Nova Museologia promovida no Chile e, até certo ponto, com as ideias do Ecomuseu de Huges de Varine, que nesse momento começam a ser propagadas pelo mundo. Contudo, não encontramos referências a essas novas teorias museológicas nos documentos pesquisados. Aliás, com relação à museologia, nos informes não se avança muito no que seria uma discussão propriamente

museológica, a não serem os pontos que discutimos neste texto. Quando menos, não se discute a museologia da mesma forma como se avança em outras áreas como a antropologia, a arqueologia, a história e a sociologia. Nestas áreas estes estudos constituem pontos fundamentais do conhecimento regional do Alto Paraná.

Por outra parte, a equipe vai se posicionar profissionalmente de maneira clara perante uma sujeição indesejada da exploração turística ou comercial, uma vez que, nesse sentido, esse museu não poderia ser pensado apenas com destinação para o turismo. O turismo constitui “*una utilización importante pero evidentemente accidental y circunstancial*” (ib., p. 196). Nesses informes das pautas do museu há uma advertida preocupação com afiançar a identidade cultural regional e principalmente a nacional.

O estudo crítico destes museus como instituições dos estados nacionais nos levam a evidenciar que a presença institucional do Estado na região ainda era deficitária. Se bem existiam outras instituições educativas e nacionalizantes, ‘lugares da memória’ consagrados pelos estados nacionais, inexistiam na região museus até antes da implantação da Usina. De certa maneira, o Estado paraguaio (bem como o Estado brasileiro), nas décadas de 1950 e 1970, estava ‘chegando’ a esta região de fronteira de maneira concreta, implantando a modernidade, o ‘progresso’ e suas ‘infra-estruturas’. O empreendimento hidrelétrico serve, também, ao Estado paraguaio como instrumento expressivo de efetiva presença territorial. Mediante essa visão desenvolvimentista e de um progresso a qualquer custo ecológico e social, pretendemos evidenciar como o projeto, e seus impactos, acaba sendo uma prática relativizada pelo capital. Antes que uma ecologia da natureza, neste projeto se pensa numa ‘ecologia do capital’. Trata-se do “império do mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais, etc.” (GUATARRI, 1990, p. 10).

Nesse sentido, podemos corroborar que, assim como a Usina, os museus atrelados a ela são também instrumento de resposta – diferenciada- às comunidades pelos impactos. As representações neles contidas passam a se constituir em instrumento de legitimação cultural, não apenas da Usina, mas também, do estado nacional que chegava como portador simbólico do progresso e da ordem nesta fronteira. Portanto, não se trata apenas de um, mas de dois estados nacionais que, desde sua invenção no

início do século XIX, permaneciam quase ausentes nesse território, porém, na segunda metade do século XX, começam a se fazer presentes com complexos militares e infraestruturas de grande porte.

Nesta ‘chegada’ simultânea dos estados nacionais aflora o problema da identidade cultural nacional, para uns mais ameaçada do que para outros.

Para compreender melhor esta questão identitária retomamos, a partir deste ponto, a análise do processo de transformações pelas quais passa o museu do lado paraguaio. Inaugurado em 1979 como sala de exposições ou “*Galeria Antropológica*”, com o tempo, e com as relativas adequações, somadas à divulgação do espaço mediante folhetos, acabou recebendo a denominação de “*Museo de Historia Natural*”, segundo consta nesses registros. De 1979 até 2004 foi mantido o mesmo ‘*guión museológico*’ (roteiro) com pequenas alterações. A exposição não tinha propriamente uma narrativa e sua configuração correspondia a uma distribuição em função dos tipos de acervos antropológicos; arqueológicos e biológicos (animais taxidermizados), sendo ordenada em fileiras de gabinetes (vitrines) e expositores.

Em 1993, através dos folhetos de divulgação, podemos observar três coisas: 1) a aparência externa do museu era a de uma construção similar às que atualmente se encontram em volta do museu, isto é, blocos retangulares de duas águas, geralmente usados nos acampamentos de construção civil como é o caso da construção da barragem; a função original do prédio do museu havia sido a de servir de depósito de materiais; a entrada foi adequada numa das laterais, exatamente no meio da longitude do prédio, onde foi instalada a recepção do museu; 2) a denominação que o espaço recebia era de “*Museo de História Natural*”; 3) além dessa denominação, era identificado, entre parênteses, como “*(lado paraguaio)*”, expressão que será abolida, posteriormente, dentro da ‘cultura itapuense’, ou eufemizada oficialmente para ser usado apenas “*margen derecha*” (margem direita), soterrando alguma possível disputas ou ênfase entorno das identidades nacionais.

Os pesquisadores do lado paraguaio, que haviam realizado pesquisas com anterioridade ao projeto da Itaipu, no espaço próximo da fronteira, testemunhas da transformação sócio-cultural da região, encontram que essa problemática não pode passar despercebida, e que pelo contrario esta se faz cada vez mais evidente na região.

Em função disso, registramos nos informes as pautas museológicas que assinalam basicamente “*un museo que sea un centro transmisor e irradiante de cultura regional y nacional*” (FOGUEL, 1975, p. 196). Posteriormente, nos folhetos institucionais do museu em funcionamento se mantém esse espírito perante o público que visita o “*Museo de Historia Natural (Lado Paraguayo)*”, como se lê nesses folhetos.

Quando este museu, localizado no Paraguai, adota na sua denominação a expressão “*lado paraguayo*” está implícita uma vontade de salientar a diferença com relação ao outro lado do rio. Nas análises das fontes, documentos escritos, exposições e depoimentos realizados em ambas as margens, só encontramos esse fato no âmbito paraguaio, no folheto de 1993 e no último folheto (de 2010) do “*Complejo turístico*”, no qual está escrito: “*experimentá los colores del paraguay (sic)*”. No museu do lado brasileiro, ao menos no material que tivemos acesso, não encontramos este tipo de colocações vinculadas à nação. Conceitos e posicionamentos nacionalistas dificilmente são percebidos do lado brasileiro, não porque não existam, mas porque a sua eufemização é, de algum modo, estratégica dentro da política de relações internacionais da empresa.

No ano 2000, quando foi feita a ampliação e a reforma externa, foram construídos pilares externos de reforço para a estrutura do telhado e, ao mesmo tempo, foi construída a atual fachada externa ao prédio que serve para renovar e estetizar sua aparência externa, ganhando ares dinâmicos de modernidade. Esta ampliação constituiu a única grande alteração do espaço em mais de vinte anos de funcionamento do museu. Depois, as reformas serão mais frequentes. Boa parte deste período funcionou sob a denominação de *Museo de Historia Natural*.

Na reforma de 2004 o museu passou a ter um roteiro ou ‘*guión museológico*’. De uma exposição onde os objetos se encontram agrupados por tipos de acervos passa a ter um ordenamento estabelecido por uma narrativa museológica. A partir desta reforma o museu é denominado *Museo de la Tierra Guarani*.

A análise crítica da exposição para esta pesquisa foi realizada, principalmente, sobre a versão museológica desenhada pela museóloga Alejandra Peña, inaugurada em 2004, e a qual ficou aberta ao público até dezembro de 2010, quando foi fechada para uma outra reforma. Na análise que fizemos sobre essa exposição, propomos lê-la como

um livro, com vários capítulos sequenciados dentro de uma narrativa que trata da história regional nas suas abordagens etnográfica, arqueológica, linguística e biológica, entre outras. A museografia, aqui lida, retoma e reatualiza algumas das propostas anteriores e aponta o olhar em outras direções.

Assim, o livro exposição, segundo o *‘guión museológico’* elaborado pela museóloga Alejandra Peña, foi dividido em duas grandes partes: a primeira, o Mundo Guarani; e a segunda, o Mundo das Ciências. O recorte espacial da exposição compreende a região do Alto Paraná e Canindeyú, ou seja, a margem direita do rio Paraná no que corresponde à área alagada pelo reservatório. Este espaço é também denominado *‘área de influência da usina’*.

A exposição, no seu conjunto, tinha como pano de fundo a concorrência por uma pluralidade de sentidos como: o *‘ser guarani’*, o *‘ser paraguaio’*, a natureza à luz da ecologia e da usina como produtora de energia limpa, entre outros. As estruturas de sentidos do museu se debatem, por um lado, entre o ser guarani, ancorado numa trajetória milenar, e o ser paraguaio, estribado no percurso secular do estado nacional. Não obstante, com o âmago na cultura guarani, mostra o homem moderno como *‘evoluído’* a partir da incorporação da ciência ocidental e da presença de cientistas renomados, no contexto do estado nacional.

Nessa perspectiva, um dos sentidos do museu é promover a valorização da ancestralidade que se afina tanto no étnico como no nacional. A questão da comunidade de origem é um dos fulcros do museu. Isto funciona com dois objetivos básicos: um educativo e outro representativo ou identificativo. Representar esse atavismo, seja para habitantes ou visitantes do Paraguai, é um dos propósitos da narrativa museográfica. A questão da memória guarani é posta como uma valorização no Paraguai dessa tradição, da qual o país seria herdeiro cultural.

Em visita ao museu, no ano de 2011, observamos que todo o acervo havia sido retirado e que a área física da exposição estava sendo ampliada; e para isso, algumas paredes externas e internas seriam retiradas. A antiga divisão museográfica em dois pavilhões, marcada por uma parede foi retirada e, com ela, a cisão museológica entre o mundo guarani e o mundo das ciências, onde o nacional tinha forte presença. Agora, o guarani e o nacional se misturam sequenciados dentro um percorrido teleológico, que

tem o Estado nacional paraguaio e a usina como *telos*.

Após essa reforma, o museu passou a ser apresentado numa única sala de painéis luminosos nos quais o visitante observa mais textos do que objetos museológicos. A metáfora do museu 'livro', que antes era apenas uma figura para falar das memórias, agora se torna literalmente realidade, mas, como expressou uma aluna (graduanda em História) durante uma visita de estudos que fizemos recentemente ao museu paraguaio: "ninguém vai ao museu para ler textos, vamos para dialogar com os objetos!". De fato, os objetos museológicos diminuíram sua presença, seja porque foram retirados ou porque cada vez é maior a presença de recursos eletrônicos que os ofuscam.

Museu sem acervo, assim, é como a mula sem cabeça: existe, garante-se, e chega a soltar fogo pelas ventas, espetacularmente. Embora a mula sem cabeça se preste a múltiplas utilidades, ha coisas que só podem ser feitas por mulas — completas, a que não falte parte alguma da cabeça. Seja como for, a questão me parece mal colocada, pois, ainda que se postule a existência de museus sem acervo, permanece insubstituível, para a sociedade, a atuação de museus com acervo. (MENESES, 2000, p. 98)

Nesse mesmo sentido, afirma Ramos (2004, p. 22): "Defende-se, portanto, uma "Historia dos objetos" que pressupõe o estudo da "Historia nos objetos": o objeto é tratado como indicio de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu...". Além de muitos objetos terem ficado submersos pelo lago, parte dos que foram resgatados e preservados continuam guardados na denominada 'reserva técnica'. Essa tendência é muito presente nos espaços museográficos da fronteira, onde a visão tecnocrática prevalece deslocando a importância dos objetos e das memórias contidas neles para as comunidades do entorno. Os recursos eletrônicos e de multimídia são postos 'no lugar de', e acabam por pasteurizar os sentidos da memória.

Considerações finais

As problemáticas socioculturais pensadas pela primeira equipe de pesquisadores são reduzidas a questões ambientais e até a memória dos trabalhadores paraguaios que

participaram em massa da faraônica construção da Itaipu é, também, deslocada.

Finalmente, podemos observar que a historicidade do museu se debate entre duas propostas museológicas: a primeira, proposta por intelectuais paraguaios que de alguma maneira, *insiliados* na sociedade paraguaia sob o regime autoritário do Stroessner, procuravam preservar as culturas locais na fronteira ameaçadas pelo ‘progresso’; e outra, que resultou das sucessivas reformas, já sob a perspectiva tecnocrática dos governos recentes.

Árduos e fundamentais foram os trabalhos iniciais realizados pela primeira equipe de intelectuais, preocupados com a preservação patrimonial da cultura local nesta região de fronteira. De fato, os relevamentos arqueológicos, antropológicos e históricos constituíram inúmeros acervos e estudos. Boa parte desses materiais ainda não estão disponíveis ao público e, de continuar essa tendência dos museus na fronteira exporem cada vez mais textos e menos objetos, esses acervos ficarão invisibilizados por muito mais tempo.

Torna-se necessário buscar o registro das culturas locais em outros espaços que não aqueles institucionais, os quais, antes do que preservar, pasteurizam as memórias. Visitar no Paraguai mercados públicos, feiras de artesanato, bairros populares e comunidades indígenas, sempre será fértil e produtivo para quem queira conhecer a cultura ‘do outro lado do rio’. Uma cultura que vive a tensão entre o ser guarani e o ser nacional (paraguaio), produzindo ao mesmo tempo simbioses e contradições que, entre ‘estratégias e táticas’, lembrando Michel de Certeau (1994), fertilizam o ser no Paraguai, o qual floresce nos seus ‘*lapachos*’, na criatividade do seu alegre povo anônimo, noutras memórias sem museu, mesmo apesar das motosserras e das hidrelétricas nas fronteiras.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOGEL, Gerardo. *Investigaciones Históricas, Socioculturales y Arqueológicas del Área de Itaipú*: informe final, primera etapa. Asunción: dic., 1975.

GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

LAINO, Domingo. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1979.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Educação e museus: sedução, riscos e ilusões”. *Ciências & Letras*. Educação e Patrimônio Histórico e Cultural, n.27, p. 91-101, jan./jun. 2000.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu e o ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.